

Toque, por favor

Terry Caesar*

[Tradução: Eva Bueno]

Resumo: Este artigo discute como, na sociedade brasileira, as pessoas tendem a se tocarem em público mais livremente que em outras sociedades. Usando vários casos, o artigo explora as maneiras que os homens se cumprimentam, como as mulheres se abraçam e beijam, como os filhos se relacionam com suas mães, e mesmo como dentro da mesma sociedade hábitos e costumes relacionados ao toque físico mudam com o tempo.

Palavras-chave: Tocar; culturas diferentes; latino-americano; rezar; religião; vida em família; roupas de banho.



* **TERRY CAESAR** é escritor, autor de vários livros, incluindo *Conspiring with Forms*; *Before I Had a Mother*; *Forgiving the Boundaries*; *Home as Abroad in American Travel Writing*; *Writing in Disguise*; *Academic Life in Subordination*; *Speaking of Animals*, and others. Mora em San Antonio, Texas, com sua esposa Eva, seus cachorros Buddy, Inu, e uns duzentos esquilos nas árvores do quintal.

Um dia recentemente eu vi algo muito surpreendente em um ônibus no Brasil. Uma mulher tinha pedido direções a uma outra. Uma estava sentada, a outra em pé. Elas pareciam ter por volta de sessenta anos. Depois que uma recebeu a informação pedida, a outra subitamente estendeu o braço e passou a mão no rosto da sua companheira de viagem. Ela basicamente só roçou o rosto da outra, e o gesto terminou em um instante, de uma maneira tão casual como se não tivesse acontecido.

Como se pode entender este tipo de gesto? Como qualquer outro país, o Brasil é cheio de mistérios. Alguns destes mistérios — sobre a glória do futebol, por exemplo, ou sobre como o carnaval brasileiro é especial — são tão conhecidos que eles são mistificados até entre os próprios brasileiros. Mas me parece que os verdadeiros e mais profundos mistérios da vida brasileira são mundanos, tão corriqueiros que, assim como este toque acontecido no ônibus, eles passam sem que se perceba e somente são registrados por estrangeiros como eu.

Os brasileiros se tocam. Eles não só fazem alvoroço quando se encontram ou apertam as mãos calorosamente quando se despedem. Eles envolvem várias partes do corpo que muitas outras culturas consideram fora dos limites. Em particular, os homens dão tapinhas nas barrigas uns dos outros quando se cumprimentam. Isto sempre me pareceu que devia ser uma coisa que as mulheres fazem. Mas as mulheres não dão tapinhas nas barrigas umas das outras desta maneira. Só os homens fazem isto. E isto é parte de uma maneira mais expressiva em que os brasileiros envolvem todo o corpo.

Naturalmente, em diferentes culturas, diferentes partes do corpo. Os homens brasileiros não se beijam no rosto como

os homens árabes se beijam, e não andam de mãos dadas (como os homens e mulheres árabes fazem). Nenhuma cultura ativa todo o corpo. Eu não sei exatamente o que isto significaria se uma cultura ativasse todo o corpo. (Saudações tão elaboradas e detalhadas que uma conversa mal poderia começar?) De fato, as práticas brasileiras talvez possam ser compreendidas como mais “latinas” de modo geral, pelo menos no que concerne ao corpo.

Isto é, o corpo não é algo para ser temido ou suprimido. Pelo contrário: ele existe para ser compartilhado. O contacto com outros corpos pode acontecer em uma variedade de formas, cada uma destinada a promover um maior espírito de amizade e relacionamento. O contato pode ser puramente visual; assim, os latinos em geral e as mulheres latinas em particular são mais inclinados a mostrar mais o corpo — usam blusas que revelam um ombro ou um decote mais profundo do que as mulheres americanas ou européias estão acostumadas a usar.

Outro dia eu vi um vendedor de loja dar uma olhada demorada a uma mulher que estava para passar por ele. A mulher estava vestida espetacularmente — para meu gosto — e usava sapatos de salto alto e uma blusinha reveladora. Mas a sua roupa era sedutora? Não tive certeza. Entretanto, o vendedor aparentemente tinha certeza. Ele foi levantando os olhos para o céu e fez um sinal da cruz devagarinho. A mulher não percebeu e simplesmente continuou a andar. Qual seria a interpretação da ação do vendedor?

Inicialmente, eu achei que era de caráter religioso: o homem estava rezando para pedir a Deus para ajudá-lo a resistir à tentação. Ou então ele estava rezando para pedir perdão por já ter sucumbido à

tentação. Em um país religioso como o Brasil, você tem que estar sempre alerta aos sinais de fervor. Eu me lembrei de nosso guia turístico uma vez em Salvador há uns anos atrás, que declarou, “nós brasileiros somos tão religiosos que nem precisamos rezar.”

Mas aí eu tive uma outra interpretação. E se o homem estivesse rezando a Deus para pedir por um favor sexual? Se não desta mulher — ela já tinha desaparecido de vista — então de qualquer outra igualmente provocante. Se ele pudesse ter tal mulher, pelo menos uma vez, o que ele não prometeria? Sua alma? Ao menos sua loja. Decidi que gostava mais desta última interpretação, especialmente quando juntada — nem se preocupe com a coerência — às outras duas. A glória do corpo, além do mais, é que ela não tem sempre que fazer muito sentido.

Os climas do norte, por outro lado, insistem que o corpo faça sentido completo. É por isto que ele precisa ser reprimido, coberto e monitorado. Se o corpo não fizer sentido — dependendo da convenção ditada pelo tempo, moda, etc. — o corpo é liberado dentro do reino sexual que, por sua vez, tem suas próprias exigências em termos de reconhecimento, à custa de quaisquer outras exigências. Outra maneira de ver-se a fascinação do corpo no Brasil é enfatizar como ela parece ser descuidada do aspecto diretamente sexual.

Talvez o exemplo mais celebrado é a roupa de praia, especialmente para as mulheres. O “fio dental” ainda é usado, mas não somente em Copacabana. Desta vez eu passei uns dias em Guaratuba, na costa paranaense, e fiquei positivamente maravilhado não tanto com os corpos à vista, mas com a maneira casual com que os brasileiros

expõem seus corpos, e que é a razão pela qual eles podem mostrar tanto, ou pelo menos tanto quanto um americano inevitavelmente reprimido julgaria ser o caso.

Faz vinte anos que eu visito o Brasil, porque minha mulher é brasileira. Em anos recentes, nós geralmente vamos primeiro a Curitiba, onde grande parte da família dela mora. Desta vez, quando estávamos todos na praia, eu fiquei surpreso com uma ação muito simples do filho de 16 anos de um dos sobrinhos da minha esposa. Ele estava usando calção de praia, e num momento, quando estávamos todos sentados, ele simplesmente colocou uma das suas pernas no colo da sua mãe. Simplesmente isto.

Será que um adolescente americano faria a mesma coisa? Talvez. Mas eu acho que, tipicamente, não. Pelo contrário, a atitude do jovem americano teria sido baseada na separação de sua mãe, ao invés de estar perto, praticamente sentando-se no colo dela. Mas este típico jovem brasileiro não tinha vergonha alguma de seu carinho com sua mãe, e ele pôs seu corpo literalmente no lugar para demonstrar este carinho. Ninguém além de mim prestou qualquer atenção.

Não há como negar: em qualquer lugar que você vá ao Brasil, você vê que o corpo existe para ser tocado — ou provocado dentro do campo visual, pelo menos — ou mais frequentemente colocado em posição de ser tocado. Se você vem de uma cultura em que o corpo existe para não ser tocado (ou qualquer toque em público deve ser evitado para não dar qualquer indício de intimidade), o Brasil oferece um contínuo espetáculo de pessoas se tocando, e você acaba se maravilhando ou simplesmente coçando a cabeça.

Mas se você tentar, você não consegue nem imitar. Ou ainda, se você tentar, corre o risco por conta própria. Durante esta última visita, por exemplo, eu me lembrei de algo que aconteceu comigo há mais de uma década, ao final de um ano em que passei morando no norte do Paraná, na cidade de Maringá. Naquelas alturas, eu me sentia bem confortável com o jeito brasileiro — confortável o suficiente para achar que era meu jeito também. Daí um dia eu por acaso conheci um doutor do nordeste.

O inglês dele era bom. Nós tomamos uns *drinks* e parecia que nos entendíamos muito bem. Eu estava particularmente contente de conhecer alguém do nordeste, onde eu ainda não tinha visitado naquele tempo. (O nordeste, tão famosamente amigável, carinhoso, “tocante.”). Ele também estava contente de conhecer um americano, de um país ao qual, ele disse, sempre tinha pensado em viajar. Certa noite ele me convidou pra passar pelo hospital em que ele trabalhava como residente. Não estaria ocupado. E nós poderíamos simplesmente conversar.

Depois do bate papo, meu novo amigo me levou de carro pra minha casa. Quando nós paramos o carro na frente do meu prédio, nós apertamos as mãos. Quando eu estava saindo do carro, eu decidi suplementar o aperto de mãos com algo extra, tirado da minha observação das práticas nativas: eu estendi a mão e toquei o homem na perna. Foi um erro. De fato, foi um desastre. Dirigida para o joelho dele, minha mão acabou tocando perigosamente perto da área genital.

Será que eu disse “desculpe-me”? Até hoje não posso me lembrar. Talvez eu

tivesse completado a minha saída e esperei que o homem não tivesse interpretado mal o meu gesto. Os dias seguintes sugeriram o contrário. O doutor nunca mais telefonou. Nós nunca nos vimos de novo. Se ele algum dia chegou aos Estados Unidos, espero que não tenha ficado especialmente receoso dos homens americanos que (talvez ele tivesse ficado pensando) ou eram se não homossexuais, pelo menos gente em quem não pode ser confiar, pelo menos em suas práticas culturais relacionadas a tocar as pessoas.

De volta ao presente, no ônibus. A mulher que passou a mão no rosto da outra! O gesto provavelmente pode ser visto como o equivalente físico de uma resposta oral enfática. A mulher poderia simplesmente não ter estendido a mão. Talvez seja significativa que ambas as mulheres eram mais velhas; muitos jovens brasileiros não entenderiam tal gesto, muito menos o repetiriam. Nenhuma cultura é uma unidade absoluta.

De volta à minha própria cidade, eu não sinto falta de tais gestos — seja de expressá-los eu mesmo ou simplesmente de vê-los expressos por outros. Você não pode importar os termos de uma cultura para a outra. Mas, assim mesmo, você acaba sentindo falta deles. Não vejo outra maneira de explicar porque tantas palavras americanas me parecem tão separadas do corpo, e algumas delas positivamente sem corpo. Daí se origina nossa angústia presente sobre o “discurso cívico.” É como se os americanos secretamente se ressentissem da falta de alguém para tocá-los.